

Política econômica Estudo do BC mostra quanto é o produto potencial do país até 2003

Os limites para o Brasil crescer mais de 4% sem gerar inflação

Celso Pinto
De São Paulo

O Brasil pode crescer 4,5% este ano, mas não há segurança de que esta possa ser uma taxa de crescimento sustentável a longo prazo. Mesmo num cenário otimista, um crescimento deste tamanho acabaria trazendo pressões inflacionárias.

Esta é uma das conclusões possíveis a partir de um trabalho feito pelo Banco Central sobre o produto potencial. Ele mostra que durante toda a década de 90 a economia brasileira cresceu menos do que poderia. Jogou pela janela o equivalente a R\$ 188 bilhões, que é a diferença entre o que poderia ter produzido de forma sustentável e o que, de fato, produziu de 1990 a 1998.

Olhando para frente, o cenário é mais otimista. A perspectiva de crescimento da eficiência da economia é maior. Os investimentos tendem a crescer. Mesmo nas melhores hipóteses, contudo, o Produto Interno Bruto (PIB) só poderia crescer de forma sustentada até 4,3%, a menos que o investimento e/ou a produtividade deem um novo salto.

A curto prazo, é possível crescer mais, porque existe um "hiato" (a diferença entre PIB potencial e efetivo) acumulado no passado. O fato de a economia, durante os anos 90, ter crescido abaixo do potencial faz com que exista uma capacidade de utilização de capital e trabalho adicional. Absorvida esta capacidade, contudo, se o PIB crescer mais do que indicam as projeções

do PIB potencial trará pressões inflacionárias. Ou seja, vai levar o BC a ter uma política restritiva, de juros mais altos.

O PIB potencial é calculado a partir das funções de produção. A hipótese é que existe uma relação entre a quantidade de insumos na economia, sob a forma de capital e trabalho, e o nível de produção. Calculada a participação do capital e do trabalho, o resíduo que sobra é considerado como a "produtividade total dos fatores" (PTF) e mede a eficiência da economia. É o indicador chave para um crescimento maior.

No último Relatório de Inflação, o BC divulgou números gerais para os anos 80 e 90. Agora detalhou os dados anuais do produto potencial e as hipóteses para 2000-2003.

De 80 a 90, o PIB potencial médio anual foi de 2,45% e o efetivo ficou em 2,25%. Como se vê na tabela, até 1985 o PIB ficou bem aquém do PIB potencial e de 86 a 89 ficou acima. Ao longo da década, contudo, a tendência da PTF foi declinante. Em média, ela caiu 0,73% ao ano e o crescimento foi sustentado apenas pelo trabalho e pelo capital. O que aconteceu na segunda metade dos anos 80, portanto, foi que a economia perdeu eficiência, o PIB potencial encolheu e o efetivo o superou.

Nos anos 90, ao contrário, a tendência foi de elevação da PTF e, portanto, do PIB potencial. Em média, o PIB potencial ficou em 2,88% ao ano e o efetivo em 2,62%. O crescimento médio

anual da PTF foi de 0,9% e ele contribuiu tanto para o crescimento quanto o capital e o trabalho.

O início dos anos 90, como se vê na tabela, foi desastroso. Na segunda metade da década, o hiato também foi grande mas, em parte, pelo aumento do produto potencial. Os dados de 1999 não foram divulgados. O diretor do BC responsável pela pesquisa, Ilan Goldfajn, explica que ainda existem dúvidas em relação a 1999, mas o hiato não deve ter sido muito diferente do de 1998, de 2,81%. A economia cresceu muito pouco, enquanto o investimento avançou. No ano passado, o que se deduz pela tabela é que os 4% de crescimento ficaram muito próximos do produto potencial.

O ideal, diz Ilan, é que a economia cresça perto, ou um pouco abaixo do produto potencial. Se existe hiato vindo do passado, pode-se crescer algum tempo acima do potencial, mas é um espaço limitado.

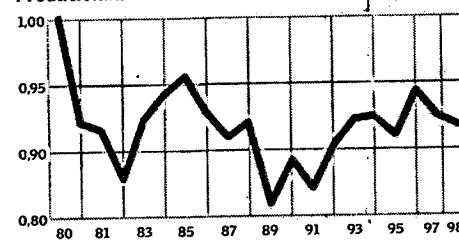
Goldfajn diz que a hipótese mais otimista para a PTF entre 2000 e 2003, de 1,5%, é o teto do que se pode esperar: é comparável à de países bastante eficientes. A pior hipótese é 0,8%. O único fator que poderia elevar o produto potencial além dos limites colocados na tabela seria um salto nos investimentos.

A hipótese do BC é de taxas de investimento de 20% do PIB em 2000 subindo até a 23% em 2003. Em parte, diz Goldfajn, o dado do investimento pode estar subestimado. Ele é calculado pelos gas-

Perspectivas para o crescimento

Variações do PIB e do PIB potencial

Produtividade anual total dos fatores



Crescimento do PIB potencial entre 2000 e 2003

Média geométrica

Produtividade %	Investimento		
	(20/20,5/21/21,5) %	(20/21/22/22,5) %	(20/21/22/23) %
0,8	3,46	3,58	3,61
0,9	3,56	3,68	3,71
1,0	3,66	3,79	3,81
1,1	3,76	3,89	3,91
1,2	3,87	3,99	4,02
1,3	3,97	4,09	4,12
1,4	4,07	4,20	4,22
1,5	4,17	4,30	4,33
Intervalo	3,46 - 4,17	3,58 - 4,30	3,61 - 4,33

Fonte: Banco Central

PIB versus PIB potencial

Em R\$ bilhões de 1999

Ano	PIB	Produto potencial	Hiato
80	659,8	635,9	3,77%
81	631,8	651,8	-3,07%
82	637,0	674,0	-5,49%
83	618,4	682,0	-9,33%
84	65,8	692,5	-5,88%
85	702,9	715,5	-1,75%
86	755,6	731,8	3,25%
87	782,3	753,0	3,88%
88	781,8	768,0	1,79%
89	806,5	779,0	3,52%
90	771,4	790,4	-2,40%
91	779,4	812,7	-4,10%
92	775,1	834,6	-7,12%
93	813,3	862,5	-5,70%
94	860,9	882,5	-2,46%
95	897,2	907,6	-1,14%
96	921,1	934,6	-1,45%
97	951,2	954,6	-0,36%
98	953,3	980,9	-2,81%

tos em máquinas e, com um peso muito forte, em construção. Há indicadores sólidos de expansão nas compras e importações de máquinas, mas a construção está quase estagnada. Qual o peso, contudo, da construção para o investimento e a produtividade? É possível que seja menor do que o estimado, mas o BC preferiu ser conservador e usar o parâmetro convencional.

Em média, considerando as várias hipóteses para 2000-2003, o produto potencial poderia crescer uns 4% sem causar pressões. É uma taxa decepcionante em relação à

média histórica do país antes dos anos 80, mas Goldfajn lembra que a taxa de crescimento populacional caiu de 2,9% nos anos 60 e 2,5% nos anos 70, para 1,6% hoje. Em termos per capita, portanto, ganha-se um ponto percentual ou pouco mais, de partida, na comparação com o passado.

A conclusão maior, contudo, é que, sem um salto na taxa de investimento, no uso dos insumos capital e trabalho, ou na PTF, o Brasil só pode voltar a crescer a taxas "asiáticas", acima de 6% ou 7%, se aceitar um descontrole inflacionário.